

A EMERGÊNCIA DA COESÃO INTONACIONAL

Ester Mirian Scarpa - UNICAMP

INTRODUÇÃO

Tem sido constantemente apontada na literatura sobre a aquisição da linguagem a existência de uma continuidade estrutural na sucessão de enunciados de uma palavra. Chega-se a enfatizar tal continuidade como um fator pré-requisitivo na emergência de construções sintáticas e proposições. Bloom (1973) refere-se a enunciados (de um só vocábulo) holísticos e encadeados. Nos enunciados holísticos, uma única proposição é codificada através de dois ou mais enunciados sucessivos, cada um dos quais expressa um componente: argumento, modificador, predicado, etc. Enunciados encadeados, por outro lado, expressam uma série de proposições discretas - cada um deles codifica um evento ou uma ação separados. Scollon (1979) mostra que a emergência sintática é um desdobramento de construções verticais (isto é, uma série de enunciados de um vocábulo) em construções horizontais (a saber, enunciados de múltiplos vocábulos). Ochs, Schieffelin & Platt (1979) estudaram a expressão seqüencial de proposições através de enunciados sucessivos fortemente vinculados à interação social de crianças pequenas com interlocutores adultos. Os autores assumem, portanto, que as proposições deveriam ser uma unidade operacional no estudo do desenvolvimento linguístico.

Meu foco de interesse aqui é no que Bloom (1973) chamou de enunciados holísticos e na maneira pela qual a intonação transcende os limites de um enunciado, mesmo num período em que não há gramática propriamente dita na fala da criança. Mais especificamente, estou interessada na emergência de macro-estruturas intonacionais nas quais tons usados com enunciados sucessivos de um só vocábulo se integram coesivamente dando a impressão de um todo.

A teoria de Couper-Kuhlen (1982) sobre macro-estruturas intonacionais aponta diretrizes para o reconhecimento da emergência de sucessão de unidades tonais, coesivas, na fala da criança de cerca de dois anos. A autora apresenta a hipótese de que grupos tonais combinam-se num nível superior para formar unidades fonológicas maiores - a que ela chama de paratons. Basicamente o que subjaz à sua proposta é que a intonação é responsável por criar gestalts fonológicos cujo resultado é a unidade de fala percebida como um todo, limitada no seu início e fim, internamente coesiva. Considera que a unidade tonal é o gestalt fonológico em miniatura. Há outras referências na literatura sobre paratons (cf., por exemplo, Brown, 1977, que relaciona os paratons com "parágrafos da fala"). Mas a ligação estabelecida por Couper-Kuhlen entre macro-estru-

turas intonacionais e percepção gestáltica está mais de acordo com o que eu tenho em mente.

Seguindo o raciocínio subjacente à proposta de Couper-Kuhlen, portanto, poderia ser dito que a criança está exposta muito mais a paratons - mais próximos à idéia de discurso - do que a unidades tonais isoladas, que têm sido objeto de estudo nos raríssimos trabalhos disponíveis sobre o desenvolvimento de elementos prosódicos. Unidades tonais estão mais próximas à noção de sentença ou cláusulas isoladas (embora unidades tonais não correspondam necessariamente a unidades sintáticas). Não é de surpreender, portanto, encontrar a emergência de seqüências intonacionais coesivas correspondentes à manifestação de enunciados sucessivos de um vocábulo na fala da criança que se encontra neste período.

Vinculados aos paratons apontados por Couper-Kuhlen para a linguagem do adulto encontra-se o que estou chamando de esquema ou arcabouço intonacional de narrativas, isto é, a incorporação, pela criança, de paratons narrativos presentes na fala do interlocutor básico, dirigidos a ela em situações de contar histórias ou de relatar pequenas experiências vivenciadas no cotidiano. A observação da emergência de um tipo de macro-estrutura fonológica pode fornecer subsídios para a questão mais geral sobre a função da intonação como uma estratégia de processamento de blocos discursivos da fala do adulto dirigida à criança. Mais ainda, meu interesse se focaliza na construção conjunta de macro-estruturas discursivas entre a criança e seu interlocutor privilegiado. Dessa maneira, a continuidade, aparentemente estrutural, encontrada na sucessão de enunciados de um só vocábulo é vinculada a processos dialógicos intervinientes na construção da linguagem.

Os dados

Este é um estudo longitudinal baseado em dados da fala de uma menina (R.), na faixa etária de 1;6 a 2;0. Foram colhidos em sessões semanais de trinta minutos cada, gravadas mensalmente em vídeo-tape e semanalmente em fitas magnéticas. As gravações foram realizadas em situações naturais, em que a criança interagia com a mãe (M.). Na seleção de dados para análise foi dada atenção especial às situações que propiciam sem a ambos os interlocutores (a mãe e a criança) a participação na rotina de "contar histórias".

A notação usada é a adotada em Gebara (1984), para a descrição do sistema intonacional de duas crianças: a própria R. e um menino. A convenção usada para representar os tons é um número precedido da inicial R., como pode ser visto no apêndice, em que a descrição fonética dos tons também é apresentada.

Análise e discussão

A emergência dos esquemas intonacionais narrativos será explicada em três etapas, correspondentes a três sucessivos estágios de desenvolvimento.

Primeira etapa

Tais esquemas são instaurados em rotinas de contar estórias, relatos de experiência, descrições de pessoas e objetos apresentados pela mãe à criança. Quando R. tem cerca de 1;6, começa a produzir uma nasal bilabial com um tom ascendente alto (às vezes medio)-para baixo, para assinalar tanto equiescência quanto atenção à fala do interlocutor, [ɾ m]. Mais tarde, este mecanismo fático evolui para a sinalização de partes cruciais de relatos e narrativas (isto é, ficcionais ou efetivamente experienciados pelo narrador) reportados à criança pelo adulto. O som [ɾ m] é inserido no final das unidades informativas da fala do interlocutor, toda vez que a criança percebe que o tópico ou a estória continuarão, até que um tom ascendente (definitivo e conclusivo) indicará o fim do turno do falante ou um tom ascendente demandará a réplica por parte da criança. As partes cruciais mais passíveis de desencadear a réplica fática da criança são caracterizadas sobretudo por um tom inconclusivo, geralmente um ascendente para alto (característica, nos dados, de interrogativa sim/não requisitiva de confirmação e não de informação) ou um tom ascendente contínuo baixo a médio (semelhante ao tom 8R), ou um tom nivelado. São geralmente seguidos de pausa, provavelmente por causa da expectativa da mãe de uma resposta verbal deste tipo, por parte da criança, nestas circunstâncias. As instâncias abaixo são ilustrações do uso de [ɾ m] emparelhado aos tons inconclusivos na fala da mãe.

M. conta a R. algo que tinha acontecido à irmã.

M. Sabe por que a Lela tá chorando?

2R₁ m

M. Ela foi viajar sozinha sem você...

2R₁ m

M. Ela sentiu falta.

(1;5.27)

M. Vamos pegar aquela revistinha...

2R₁ m

M. ...que tem o gatinho...

2R₁ m

M. ...e o babalo?

1R v̄w̄ v̄w̄:

(1;9.20)

O fim do paratom da mãe é marcado por uma descida total ou quase total da curva intonacional ou por uma curva ascendente (correspondente a um convite) que requer uma resposta por parte da criança: v̄w̄ v̄w̄ . Deve-se notar também que [r̄m] é inserido no meio do discurso do interlocutor adulto e nunca no fim - o que é uma inserção "correta" do ponto de vista da linguagem do adulto, uma vez que não há expectativa de que o paratom irá continuar. Tal previsibilidade parece mostrar que a criança está começando a perceber pistas na constituição da macro-estrutura intonacional de um texto e, portanto, a ser capaz de perceber uma unidade maior que a unidade tonal.

Segunda etapa

Outro indicador de esquemas narrativos é o vocábulo então, realizado com um tom ascendente contínuo (8R no sistema de R.), com uma queda terminal opcional. Na fala adulta exerce, entre outras, a função de partícula coesiva de um texto e encaixamento lógico ou temporal de eventos numa estória. Nas situações de relatar histórias ou fatos dos cotidianos, geralmente demanda o indicador de atenção [r̄m] como uma resposta fática, criando o par r̄m então r̄m. Há uma peculiaridade no uso deste vocábulo nos dados analisados: tanto na fala da mãe quanto na de R., é também usado como um artifício de instaurar um esquema de contar histórias. Neste sentido, migra da função de ligar diferentes blocos narrativos para a fase inicial da estória.

O exemplo abaixo ilustra a maneira pela qual o uso partilhado do par r̄m então r̄m contribui para a construção de paratons narrativos na linguagem da criança.

R. v̄e um livro de histórias e estende a mão para pegá-lo.

8R it̄w̄

9R

8R t̄w̄

M. O que?

9R katu 'gato' (?)

2R₁ tãw (ordenando)

M. O que ē?

2R₁ tãw (id.)

2R₁h.h. tãwkutãw

M. Ahn?

R. abre o livro.

2R tãw

R. põe o livro no chão e começa a virar as páginas.

2R tãw

M. Então? (tentando interpretar os enunciados anteriores de R.) Ah! Então...

2R₁ m

R. fica prestando atenção enquanto M. começa a contar-lhe uma "estória".

M. Então...

2R₁ m

M. ... o cachorrinho...

2R₁ m

M. ... o Snoopy ...

7R m

M. Tã dormindo.

Alguns minutos depois, R. finge que lê uma estória para M.

8R ntãw

M. Então... (imitando a intonação de R.)

8R tãw (virando a página)

M. Hm.

∩

8R tɔw (id.)

M. Hm.

∩

R. desiste da brincadeira e entrega o livro a M.

2R ta

(1;8.0)

Deve ser notado que, na primeira parte do diálogo acima, R. usa o vocábulo então para nomear o livro, a situação toda de contar estórias, para solicitar uma ação por parte da mãe, com os tons 8R (apontando o livro), 2R₁ (pedindo ou ordenando à mãe que participe do jogo) e 2R (referindo-se a situação de leitura), respectivamente. O adulto, logo que consegue interpretar a intenção da criança, começa a contar - ou a fingir que conta - uma estória, seguindo o esquema intonacional:

M	—	—
Cr.	∩ m	∩ m,

que é interrompido pelo desvio de atenção da criança.

Na segunda parte do diálogo, a situação se inverte - R. assume o mesmo esquema intonacional que a mãe estava empregando, numa espécie de simetria conversacional.

Portanto, do ponto de vista da troca conversacional entre a mãe e R., no que se refere às situações de contar estórias, parece haver um esquema inicial:

M. ∩ então

Cr. - m

Esta situação se inverte, com o par resultante:

Cr. 8R então

M. - m.

Uma sucessão coesiva de tons se estabelece, partilhada por ambos os interlocutores no diálogo:

Interlocutor 1	—	—	—	...	—
Interlocutor 2	∩	∩	∩	∩	,

em que os parênteses representam o turno facultativo do adulto preenchido por uma interrogativa sim/não de confirmação seguida por uma resposta segmentalmente especular e prosodicamente complementar da criança mais um indicador de atenção emitido pelo adulto (talvez na expectativa de dar continuidade ao tópico) e o comentário final da mãe, igualmente especular, confirmando o fim da narrativa.

Este esquema intonacional assemelha-se a um tipo específico de paratom descrito por Couper-Kuhlen, cuja coesão interna é dada pela sucessão de movimentos tonais nucleares idênticos ou padrões idênticos de movimentos tonais nucleares.

Intonacionalmente há um senso de inteireza na pretensa fala narrativa desta criança, expressa, neste caso, por sucessivos enunciados de um vocábulo. As diversas partes de um relato estão presentes, a saber, uma introdução, 8R tʃw, instaurando o jogo de narrar; o desenrolar da estória, manifestado pela seqüência de tons 8R atribuídos a vocábulos que nomeiam entidades presentes nas gravuras do livro; dois pontos terminais, um da própria estória (expresso pelo tom 2R r.h.) e um do esquema interacional (2R potu // 2R pə'sa "fechar").

Tal esquema intonacional, no entanto, não corresponde a uma narrativa propriamente dita. Por exemplo, não há sucessão temporal de eventos interligados, nem há uma gramática interna da narrativa (cf. Bower, 1976), mas referências esparsas a figuras conforme aparecem no livro e uma forma "verbal" [ásej], "achei", que não tem relação com a pretensa estória. Em outras palavras, não há narrativa stricto sensu, embora um esquema interacional narrativo seja claro e a contribuição de ambos os participantes seja pragmaticamente significativa (através de uma ação partilhada) e lingüísticamente manifesta (através do uso comum de um esquema intonacional).

Na verdade, como tem sido apontado (Perroni, 1983), a criança toma parte em jogos de contar estórias bem antes de ser capaz de processar a intrincada estrutura de uma narrativa. Da mesma forma, o conceito de molde ou arcabouço (inglês frame, literalmente "moldura") ou esquemas narrativos (ingl. story schemata) tem sido considerado fundamental para a compreensão e memorização de estórias (Bower, 1976; Mandler, 1978). Tem sido também frisado que a criança, pela idade de 3 anos, tem um esquema ou molde lingüístico de uma narrativa previamente conhecida, no qual ela pode inserir eventos experienciados, como uma colagem, ou combinar livremente diferentes ações ou atribuindo a eles um status de realidade passada (cf. Perroni, 1983).

O que parece estar acontecendo nas primeiras tentativas de narrar, por parte de R., portanto, é que não há compreensão nem produção de estórias propriamente ditas, mas há, na sua fala, uma sucessão de jogos de nomear colocados em moldes intonacionais típicos de paratons narrativos que indicam que a criança começa a processar macro-estruturas intonacionais e a incorporar especularmente unidades mais amplas que a unidade ou grupo tonal, que formam um todo coeso.

Os paratons emergem em esquemas interacionais no curso do diálogo entre a criança e o adulto. Ambos os interlocutores contribuem ativamente para a construção de unidades lingüísticas maiores, como foi notado no trabalho de Perroni (1983). Com evidência de que certos esquemas interacionais são instâncias privilegiadas de

construção de subsistemas lingüísticos como os das proto-narrativas e paratons, entre outros, estão construções sintáticas maduras demais com relação ao estágio de desenvolvimento lingüístico desta criança e que são empregados só no interior de esquemas narrativos. Um exemplo disso é dado na instância abaixo, tirada da mesma sessão cujos dados são discutidos acima: 1;9.8. A expressão madura vem sublinhada.

R. pega um livro

2R kōtu

2Rh.h. okōtu ("eu conto").

M. Ce conta? Tã bom.

8R itãw

M. Ahn.

8R mininu foj la

M. Sei.

(Etc. É um trecho de diálogo muito longo, em que a "narrativa" - que é de fato a sucessiva nomeação de figuras de um livro - é sempre interrompida por referências a detalhes do contexto imediato, como virar a página, pedir licença à mãe, etc. Termina com a sugestão de mudar de tópico, por parte da mãe).

A expressão menino foi lá, registrada duas vezes nesta sessão, é sempre emitida no contexto de um esquema narrativo. Não há indicação de que seja produzido fora desta situação. Não é surpreendente que se trate de um bloco não analisado, uma vez que a criança não faz uso produtivo do passado de ir, a não ser em expressões restritas a certas situações de diálogo (ver, a este respeito, Gebara, 1984). É, portanto, duvidoso que tal expressão revele conhecimento subjacente de regras sintáticas.

Conclusão

A intonação parece funcionar como uma estratégia de processamento, por parte da criança, de blocos da fala dirigida a ela, fornecendo-lhe pistas para a compreensão do discurso do adulto. Nos dados analisados, a produção de macro-estruturas intonacionais, nas quais uma sucessão de unidades tonais se integra de maneira coesiva para formar paratons narrativos, dá uma impressão de unicidade num estágio de desenvolvimento em que ainda não existe produção de narrativas propriamente ditas. Tais paratons são o resultado da contribuição conjunta da mãe e da criança. No começo, a criança insere indicadores de atenção depois de cada bloco informativo do interlocutor em esquemas de narrar ou relatar eventos, nos dados analisados. Mais tarde, ela passa a empregar sucessivos tons enumerativos, incorporados de paratons narrativos do interlocutor, com o vocábulo "coesivo" então, para, depois, combinar uma sucessão de expres

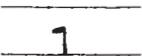
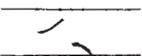
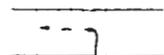
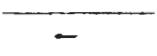
sões referentes a jogos de nomear com um paratom típico de narrativas. É questionável se há compreensão ou produção de estórias neste estágio, mas um molde ou esquema no nível intonacional mostra que a criança possui pistas para processar macro-estruturas intonacionais. E a percepção feita pela criança é gestáltica, no que concerne à emergência dos paratons.

BIBLIOGRAFIA

- BLOOM, L. (1973). One word at a time. Haia, Mouton.
- BOWER, G. (1976). 'Experiments on story understanding and recall'. In Journal of Experimental Psychology.
- COUPER-KUHLEN, E. (1982). 'Intonational macrostructures: aspects of prosodic cohesion'. Comunicação apresentada no Seminário do B.A.A.L., Universidade de Aston, Birmingham, abril de 1982.
- BROWN, G.; Currie, K. & Kenworthy, J. (1977). Questions of intonation. Londres, Croom Helm.
- GEBARA, E.M.S. (1984). The development of intonation and dialogue processes in two Brazilian children. Tese de doutoramento. S.O.A.S., Universidade de Londres.
- MANDLER, J. (1978). 'A code in the node: the use of a story schema in retrieval'. In Discourse Processes, 1.
- OCHS, E.; Schieffelin, B. & Platt, M. (1979). 'Propositions across utterances and speakers'. In E. Ochs & B. Schieffelin (orgs.) Developmental Pragmatics. Nova Iorque, Academic Press.
- PERRONI, M.C. (1983) Desenvolvimento do Discurso Narrativo. Tese de Doutorado, IEL, UNICAMP.
- SCOLLON, R. (1979). 'A real early stage: an unzipped condensation of a dissertation on child language' In E. Ochs & B. Schieffelin (orgs.). Developmental Pragmatics. Nova Iorque, Academic Press.

APÊNDICE

Legenda dos símbolos intonacionais usados no trabalho

1R		Descendente de relativamente alto a baixo. Sílabas nucleares longas.
2R		Descendente, meio baixo a baixo.
2R ₁		Descendente, com âmbito de altura largo, isto é, de relativamente alto a baixo.
2R r.h.		Núcleo descendente baixo, com um movimento ascendente das sílabas pre-nucleares
2R ₁ h.h.		Núcleo descendente alto a baixo, sílabas nucleares altas niveladas.
7R		Ascendente de relativamente médio a relativamente alto
8R		Ascendente "glissando" de baixo a médio ou alto .
9R		Movimento nuclear nivelado médio.